

Uma animação  
que traz dramas  
do holocausto



PÁGINA 4

Walter Salles  
contagia cinefilia  
francesa em Dreux



PÁGINA 5

'Comeback', de  
Erico Rassi, ganha  
a streamingsfera



PÁGINA 6

## 2º CADERNO

# O pai de uma família diversificada



Escultor e bonequeiro Dante está por trás de criativos bonecos e máscaras usados no teatro, audiovisual, carnaval e até em desfiles de moda

Por **Affonso Nunes**

Imagine alegorias dos desfiles das escolas de samba, bonecos ou máscaras que enriquecem montagens teatrais ou um diabinho em miniatura que deu o que falar na tevê brasileira. Por trás dessas obras está o escultor e artista plástico Dante, que se destaca no universo das artes visuais com seu talento, criatividade e versatilidade para trabalhar com mídias diversas, conectando

realismo e sonho em suas criações.

Nascido e criado em Realengo, na zona oeste, o artista desenvolveu desde a infância uma relação estreita com a modelagem e a escultura. Hoje, é um dos nomes mais requisitados no mercado de bonecos articulados e máscaras, com criações presentes no teatro, no audiovisual, na moda e no carnaval.

Formado em Desenho Industrial pela Universidade Gama Filho, Dante ganhou projeção ao vencer o concurso "Rio Novos Designers" com um filme em stop motion. A

experiência o levou a aprofundar seus estudos na Saint Martin College of Art and Design, em Londres, onde aprimorou suas técnicas e expandiu seus horizontes artísticos. Sua obra se destaca pela ausência de interferência tecnológica - cada peça concebida artesanalmente.

Essa maneira de trabalhar encontrou ressonância nas artes cênicas e Dante se consolidou no teatro ao criar bonecos e máscaras para espetáculos premiados. Em "Marina", da Cia Pequod, suas criações foram essenciais para que a peça recebesse o Prêmio Shell de

Teatro em 2015. Já em "Gritos", da Cia Dos à Deux, os bonecos abordavam temas como transexualidade e refugiados, reforçando o caráter social do trabalho. Em "Preto", da Companhia Brasileira, criou máscaras hiperdimensionadas que ampliavam a expressividade dos atores no palco. Mais recentemente, em "Azul", da Artesanal Cia de Teatro, suas criações ajudaram a dar vida à narrativa sobre o espectro autista na infância, espetáculo que recebeu os prêmios APCA e APTR.

**Continua nas páginas seguintes**

ENTREVISTA / DANTE, ESCULTOR E BONEQUEIRO

# ‘Quando o boneco se torna mais do que um objeto, ele se torna um personagem vivo’

**P**or mais que o trabalho de Dante esteja em várias frentes. No carnaval é onde sua obra ganha mais visibilidade junto ao grande público. Em 2020, na Paraíso do Tuiuti, criou esculturas em escala real de mulheres marcantes da comunidade. No desfile deste ano, desenvolveu bonecas em tamanho humano para a comissão de frente da União de Maricá representando a Mãe Cacilda de Assis. O projeto, desenvolvido a convite do carnavalesco Leandro Vieira, emocionou o público e rendeu nota máxima dos jurados.

Dante também marcou presença no audiovisual. Na novela “Renascer” (TV Globo), recriou o emblemático personagem Cramulhão com técnicas inovadoras de manipulação. Em “Desalma” (Globoplay), contribuiu com a criação de bonecos que ampliaram o tom sombrio da série. No cinema, trabalhou no filme de animação “47”, que conta a história de um menino com síndrome de Down e foi premiado no Cannes Lions e no Grand Clio. Além disso, foi convidado a criar e assinar o troféu exclusivo do programa “Caldeirão com Marcos Mion”, inspirado no ator e músico Lucio Mauro Filho. Na moda, colaborou com o estilista Walério Araújo no São Paulo Fashion Week, criando uma máscara especial em homenagem à mãe do estilista. Suas criações também estiveram presentes em shows da banda Blitz, com cabeças gigantes que se tornaram marca registrada das apresentações do grupo. Evandro Mesquita, líder do grupo, virou fã do artista. “As cabeças criadas por ele são nada óbvias e cheias de personalidade. Elas trazem uma expressividade intensa”, comenta.

Dante falou ao Correio da Manhã sobre seu processo criativo e lamenta que trabalhos como o seu não sejam tão valorizados quanto deveriam.

**Seu trabalho se destaca pela ausência de interferência tecnológica. O que te motiva a manter um processo artesanal em uma era tão digital?**

Dante - Me identifico com a temporalidade

do processo artesanal, pois nele encontro um ritmo que reflete meu próprio tempo e a maneira como escolho estabelecer minhas relações, inclusive as tecnológicas. Acredito que o meu trabalho manual é, em muitos



O escultor e bonequeiro Dante com as peças de Mãe Cacilda criadas em tamanho natural para o desfile da União de Maricá

aspectos, uma reflexão sobre a dinâmica que busco manter em minha vida cotidiana. Em uma sociedade que constantemente me pressiona a ser mais produtivo e acelerado, procuro respeitar o tempo necessário para a maturação de um processo artístico, um tempo que muitas vezes se distorce em relação ao ritmo do mercado e da tecnologia. Além disso, vejo na artesanaria uma essência genuína, profundamente conectada às minhas emoções, que torna cada criação única e carregada de significados pessoais.

**Como se dá o processo de criação de um boneco ou máscara? Existe um ponto de partida comum ou cada projeto nasce de forma diferente?**

Em relação à ideia ou conceito, a proposta é sempre que meus bonecos e máscaras contem uma história. No entanto, essa história é, inicialmente, desconhecida. Cada narrativa é o combustível que impulsiona a criação e transforma uma ideia em algo tangível. No

começo, é sempre um abismo — não tenho uma ideia clara do que vai surgir. Esse desconhecimento é algo que me instiga profundamente, pois se trata de transformar um pensamento abstrato em uma obra de arte. Quanto à técnica e construção, embora existam algumas semelhanças, como materiais com os quais tenho mais afinidade e que funcionam melhor para certos resultados, essas questões são muito mais concretas e palpáveis, especialmente em comparação com o processo criativo, que é mais instável e incerto.

**Você tem alguma referência artística específica que influenciou seu estilo?**

Cresci em Realengo, subúrbio do Rio de Janeiro, onde meu contato com a arte era bem limitado. Naquela época, a internet não estava tão presente como é hoje. No entanto, sempre fui uma criança sensível e curiosa, o que me tornava muito receptivo ao que estava ao meu redor. Absorvia as influências do carnaval de

Divulgação

Nana Moraes/Divulgação



**Boneca do desfile da Paraíso do Tuiuti**

Averno pessoal



**O Cramulhão da novela 'Renascer'**

rua. O cotidiano e as pessoas do meu bairro também fizeram parte desse processo de formação. Era uma criança mais reservada e muito imaginativa. Muitas vezes, o quintal de casa se tornava meu laboratório criativo, onde eu recolhia materiais para inventar bonecos. Assistia muito à TV, e sem dúvida, os desenhos animados e o cinema foram grandes fontes de inspiração e referência para mim.

**Seus bonecos têm um papel narrativo muito forte no teatro. Você os considera personagens ou extensões dos atores?**

Eu vejo como um corpo híbrido, uma fusão entre o ator e a figura inanimada. No teatro, um boneco sem a presença de um ator é quase como negar seu potencial de encantamento. O que dá vida a esse objeto é a conexão entre o performer e o boneco, criando uma espécie de diálogo que transcende o simples movimento. O processo é um jogo coletivo, onde o ator se disponibiliza a conhe-

Nana Moraes/Divulgação



**Máscaras do espetáculo 'Preto'**

Rick Nogueira/Divulgação



**Evandro Mesquita, da Blitz, com máscara nos shows da banda**

Lauchmetric Spotlight



**Máscara com a cabeça da mãe do estilista Walério Araújo**

cer o corpo do boneco, e o boneco, por sua vez, responde ao movimento e à energia do ator. Essa troca é essencial, porque, se houver esse jogo, uma relação profunda e simbiótica pode se formar. É nessa interação que o encanto acontece, pois é quando o boneco se torna mais do que um objeto – ele se torna um personagem vivo, capaz de emocionar e envolver o público.

**Como foi o desafio de recriar o Cramulhão para "Renascer"? Houve alguma inspiração específica para a estética final do boneco?**

Criar para a TV sempre me estimula de maneira única. Ao longo dos anos, fui conquistando o espaço necessário para ter a liberdade de propor e desenvolver minhas ideias, o que é extremamente gratificante. Quando sou convidado para um projeto televisivo, sinto-me motivado porque sei que há um interesse genuíno pela identidade que im-

primo no meu trabalho. Isso tem acontecido em novelas, séries e outros projetos, nos quais consigo deixar minha marca. No caso de Renascer, por exemplo, o desafio foi ainda mais instigante. Busquei inspiração nas referências da arte popular, como objetos e figuras do folclore, que trazem esse caráter onírico e simbólico tão forte. A partir disso, procurei incorporar também influências cinematográficas, de maneira a criar algo que não fosse apenas visualmente impactante, mas também com uma profundidade que dialogasse com a linguagem cinematográfica, trazendo um resultado que fosse tanto teatral quanto expressivo.

**Você acredita que a presença de bonecos no audiovisual ainda é subestimada no Brasil?**

O cinema de animação tem sido palco para artistas incrivelmente talentosos, que se dedicam a explorar as mais diversas técnicas. Em meu trabalho, a artesanaria é uma característica central, porém hoje, também vemos uma enorme evolução nas criações de bonecos, com novas abordagens e técnicas sendo utilizadas. Acho que o cinema de animação se apresenta como um campo vasto para bonequeiros, onde a tradição da artesanaria e as possibilidades da tecnologia se encontram, criando um espaço para experimentação, inovação e, principalmente, para a expressão artística de uma maneira que é tanto técnica quanto profundamente estética.

**A criação das bonecas da comissão de frente da GRES União de Maricá impressionou o público. Como foi dar vida a Mãe Cacilda de Assis nesse projeto?**

Foi uma experiência incrível e um verdadeiro privilégio ter recebido o convite de Leandro Vieira, um mestre do carnaval, para mergulhar na vida dessa mulher que foi um ícone da religiosidade afro-brasileira. Foi uma oportunidade única de me aprofundar em sua história e retratar sua imagem na escola de samba. Durante cinco meses intensos de criação e construção, reuni um fotos e imagens de Cacilda, uma das maiores mães de santo dos anos setenta e oitenta no Brasil. O objetivo deste projeto era representá-la de maneira realista, mas, ao mesmo tempo, intensificar sua expressão emocional e sua identidade. Foram 15 bonecas em escala humana, esculpidas e trabalhadas com extremo cuidado. Conte com o apoio da minha equipe de confecção e com o figurino poético da figurinista Tereza Nabuco, minha grande parceira na arte, que tem um olhar magistral na criação de figurinos, especialmente os inspirados nas matrizes afro-brasileiras.

**Você sente que o carnaval ainda abre espaço para inovação na arte de bonecos e esculturas?**

O carnaval, assim como outras manifestações festivas populares, como por exemplo o festival de Parintins, representa uma oportunidade única para grandes artistas, escultores e criadores darem vida ao seu trabalho e ganharem visibilidade. Essas festas são momentos de celebração da criatividade e da cultura, e nelas podemos encontrar uma verdadeira explosão de arte, especialmente no que se refere à criação de alegorias, bonecos e máscaras. No entanto, sinto que podemos ir ainda mais longe. Percebo que para essa arte seja cada vez mais valorizada e se desenvolva, é essencial investir de forma contínua e estruturada na formação e profissionalização dos artistas. Com mais recursos direcionados para a capacitação desses profissionais, seríamos capazes de expandir ainda mais as possibilidades criativas e proporcionar melhores condições de vida para profissionais da arte.

**A arte de bonecos é pouco valorizada como expressão artística no Brasil?**

Em muitos casos ela ainda é pouco valorizada, apesar de seu grande potencial e riqueza cultural. Muitas vezes, essa forma de arte é vista apenas como uma atividade lúdica ou infantil, quando na verdade ela carrega um imenso valor simbólico, estético e narrativo. É isso que tento acessar com meu trabalho trazendo a imagem do boneco como algo presente e contemporâneo. Bonecos têm a capacidade de contar histórias e transmitir emoções de uma forma única, tanto no teatro quanto em outras manifestações artísticas. No entanto, o reconhecimento desse trabalho como arte, com o devido espaço e respeito, ainda é um desafio.

**Entre teatro, audiovisual, carnaval e moda, qual dessas áreas mais te desafia criativamente?**

Cada segmento artístico traz um desafio único, pois mesmo que o processo criativo se repita, o que sempre muda é a maneira como ele será recebido. O espectador, com suas experiências e vivências, está em constante transformação, e isso implica que cada vez que ele se depara com uma obra, ele a vê com novos olhos. A mesma peça, o mesmo espetáculo, pode gerar reações e interpretações distintas dependendo do momento e do estado de espírito do público. Por isso, o maior desafio não está apenas na execução do trabalho, mas em como ele consegue tocar, sensibilizar e estabelecer um vínculo com o espectador.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**D**epois do Oscar conquistado pela Letônia sob os miados do gatinho de “Flow”, o espaço do mercado exibidor para animações egressas de outros territórios que não Hollywood cresceu, com lugar até para narrativas que usam o desenho para expor o horror do Holocausto. O assombro da II Guerra Mundial, com toda a sua bestialidade, alimenta uma fábula vinda da França sobre esperança e resiliência: “A Mais Preciosa das Cargas” (“La Plus Précieuse Des Marchandises”). A estreia aqui será no dia 17 de abril.

Indicado à Palma de Ouro de Cannes, o longa-metragem é baseado no best-seller homônimo de Jean-Claude Grumberg, lançado nas livrarias como “A Mercadoria Mais Preciosa”. A direção é do francês Michel Hazanavicius, diretor do oscarizado “O Artista” (2011). O filme concorreu ainda nos festivais de Annecy e de Mar Del Plata (em terras argentinas), de onde saiu o Prêmio Especial do Júri. Teve projeções ainda no Festival do Rio.

“O produtor chegou a esse projeto antes de mim, antes que eu lesse o livro, e eu jamais havia pensado em fazer algo ligado à Shoah antes, pelas minhas origens familiares judaicas. Tinha uma questão de legitimidade histórica, até pelo fato de eu ter nascido em 1967, bem depois da Guerra. Mas a possibilidade de abordar o tema sob uma ótica fabular e a força do texto de Grumberg me interessaram. Existe uma pergunta que aquele livro evoca ao falar do Holocausto: ‘Se Deus existe, onde ele estava quando aquilo tudo aconteceu?’. Eu só não queria ser explícito na representação da violência dos nazistas. Preferia que a imaginação da plateia pudesse dar conta disso”, disse Hazanavicius em Cannes. “Sou um diretor ligado à comédia, a filmes leves. Fazer uma animação também era um desafio. Hesitei até que minha mulher (a atriz Bérénice Bejo) disse ‘Você tem que fazer’. Ai...”

“A Mais Preciosa das Cargas” testou as habilidades narrativas de Hazanavicius num terreno com o qual ele era pouco identificado. “Fazer um filme animado é bem diferente do live-action, principalmente por conta do trabalho com a engenharia de som exigido pelo formato, no qual o impacto sonoro é essencial”, disse Hazanavicius, que antes rodou “O Formidável” (2017), sobre Jean-Luc Godard (1930-2022), e o “O Príncipe Esquecido” (2020), superprodução com Omar Sy.

Na trama animada filmada por Hazanavicius, um casal de lenhadores observa, diariamente, trens atulhados de gente passa-



‘A Mais preciosa das Cargas’ ganhou o Prêmio Especial do Júri em Mar Del Plata

Valerie Macon/Divulgação

# A mais preciosa das estreias

Indicado à Palma de Ouro, filme mais recente do ganhador do Oscar Michel Hazanavicius, baseado em best-seller de Jean-Claude Grumberg, vai animar as telas brasileiras em abril

rem diante de seus olhos. Ingênua, a mulher sempre espera por um aceno ou mesmo um presente. “Para onde vão essas pessoas?”, ela se pergunta. Até que alguém joga o presente que ela jamais pensou receber: um bebê. O marido, num primeiro momento, pensa em devolver a criança, mas, pouco a pouco, encanta-se pela menina e deixa seu instinto paterno aflorar. A narração foi feita por um mito das telas Jean-Louis Trintignant (1930-2022), pouco antes de sua morte.

“Jean-Louis era a voz mais bonita do cinema francês. Foi incrível gravar com ele e agora que ele não está mais aqui, entre nós, sua voz se faz ainda mais presente”, diz Hazanavicius, explicando que o trabalho de produção dos

desenhos, na direção de arte, levou cerca de três anos para sair do papel. “Não busquei reproduzir a realidade como ela é. Meu maior empenho era fazer um ensaio humanista, um tributo ao coração”.

Na triagem de (boas) animações não hollywoodianas nas telas, o Brasil pede passagem. Uma sci-fi com tintas de “Star Wars”, mas de CEP paulista, hoje agita a massa crítica de brasilidades nas telas: “Mundo Proibido”, de Camila Carrossine e Alê Camargo. No longa, o viajante aventureiro Fujiwara Manchester e sua namorada, Lydia, partem para uma jornada intergaláctica em busca de um tesouro perdido que pode deixá-los ricos.



“Eu só não queria ser explícito na representação da violência dos nazistas. Preferia que a imaginação da plateia pudesse dar conta disso”

Michel Hazanavicius

Divulgação



O *Regards d'Ailleurs* prestigia a produção cinematográfica de um país e tem o Brasil como tema na edição 2025

# Waltinho mobiliza cinefilia francesa

Presença do realizador é destaque na programação do festival *Regards d'Ailleurs*, que este ano dedica sua edição ao cinema brasileiro

Por **André Fontenelle**  
(Folhapress)

**A**o chegar a Dreux, cidadezinha de 50 mil habitantes a 80 km de Paris, Walter Salles esperava encontrar um pequeno cinema de interior. Espantou-se ao se deparar com um multiplex de nove salas. A maior delas, com



Walter Salles durante masterclass no festival francês

400 lugares, exibiria dali a poucos minutos “*Ainda Estou Aqui*”. “É um prazer ver uma sala de cinema cheia”, disse.

A presença de Salles na pequena Dreux foi o momento culminante do festival *Regards d'Ailleurs* (“Olhares de Fora”) deste ano, que dedicou sua programação a filmes brasileiros. Depois da projeção do filme ganhador do Oscar de me-

lhor filme internacional, o diretor brasileiro respondeu durante meia hora às perguntas da plateia, explicando para os franceses uma realidade às vezes incompreensível para eles.

Um burburinho de surpresa percorreu a sala quando Salles “revelou” que a Eunice Paiva idosa é interpretada pela mãe da atriz principal. “Em alguns países, as pessoas

disseram: ‘Que trabalho extraordinário de maquiagem!’”, acrescentou, para risos da plateia.

Os franceses queriam saber mais sobre a ditadura no Brasil. Um espectador perguntou como outras camadas da população viveram a repressão, porque o filme mostra “um meio intelectual branco”. “Evidentemente, o estrato social que vemos [no filme] é a alta burguesia, onde justamente se acha que essas coisas não acontecem”, respondeu Salles. “O cinema tem que ser polifônico. Em um país tão grande quanto o Brasil, você vai ter cem reflexões diferentes. Um grande cineasta brasileiro, Kleber Mendonça Filho, está terminando um filme [“*O Agente Secreto*”, protagonizado por Wagner Moura] sobre exatamente esse período, em Pernambuco.”

Outro espectador, depois de qualificar o filme como “deslumbrante”, ressaltou: “Tenho vontade de fazer quase uma crítica. Em

tudo o que se disse sobre a ditadura e seus abusos, foram mostrados os subalternos. Ninguém sobe até o topo da cadeia. Vamos ter que esperar que um Costa-Gavras faça um filme sobre o que aconteceu no seu país?”, perguntou, referindo-se ao cineasta grego notório pelos filmes engajados.

“Costa-Gavras já fez, sobre vários países do continente”, lembrou Salles, citando “*Missing*” e “*Estado de Sítio*”, que tratam, respectivamente, do Chile e do Uruguai. “E o documentário se presta a fazer exatamente o que você traz à tona. O cinema é um leque de possibilidades.”

Salles explicou ao mesmo espectador que os silêncios de “*Ainda Estou Aqui*” também cumprem um papel. “Um monte de pessoas ‘completou’ o filme no Brasil. As pessoas começaram a contar a história de suas famílias nas redes sociais. O que é maravilhoso é que um filme só fica pronto quando é confrontado ao olhar dos outros.”

Em sua 22ª edição, o festival de Dreux homenageia a cada ano o cinema de um país. Este ano, o escolhido foi o Brasil, coincidentemente no ano em que o país conquistou pela primeira vez o Oscar de melhor filme internacional.

Até poucos dias atrás, o organizador do festival, o francês Thierry Méranger, crítico da revista “*Cahiers du Cinéma*”, temeu que Salles não pudesse vir à França, devido à agenda lotada. Quando o convite foi feito, no ano passado, “*Ainda Estou Aqui*” nem havia estreado, e a badalação do Oscar estava longe.

Antes da projeção, o diretor ficou encantado com um clipe exibido na tela, com cenas clássicas do cinema brasileiro, de “*Limite*”, de Mário Peixoto (1931), a “*Ainda Estou Aqui*”.

Salles cobriu particularmente de elogios Glauber Rocha e o Cinema Novo. “Estou tocado por terem escolhido esses filmes. E emocionado por ver incluído o filho dele, Eryk”. O documentário “*A Queda do Céu*”, dirigido por Eryk Rocha e Gabriela Carneiro da Cunha, também foi exibido no festival de Dreux.

# Charles Bronson à brasileira

Estreia de 'Oeste Outra Vez' abre espaço em plataforma digital para o longa anterior do diretor Erico Rassi, 'Comeback', que traz Nelson Xavier na pele de um matador

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**L** aureado com o Kikito de Melhor Filme no último Festival de Gramado pela demolidora mirada sob os códigos da masculinidade, "Oeste Outra Vez" estreou no último fim de semana atraindo holofotes para a obra de seu diretor, o goiano Erico Rassi. O interesse por seu modo autoral de devassar instituições (morais) a partir da geografia do Centro-Oeste assegurou espaço a seu longa-metragem anterior, "Comeback" (2016), num streaming faminto por brasilidade, o Sesc Digital.

A plataforma digital do Sesc São Paulo pode ser acessada em todo o país, pelo site [sesc.digital](http://sesc.digital) ou por meio do aplicativo Sesc Digital, disponível para down-



Divulgação

*Centrada na ética dos matadores de aluguel, 'Comeback' rendeu a Nelson Xavier, morto em 2017, o troféu Redentor de Melhor Ator no Festival do Rio do ano anterior*

Reprodução YouTube Jana On Camera



*A produção do goiano Erico Rassi é um exemplar nacional raro da linhagem da adrenalina nas telas no melhor estilo dos filmes com Charles Bronson*

load nas lojas Google Play e App Store. Tem muita pérola por lá (como "Luz Nas Trevas", de Helena Ignez, e "Paradise Now"), mas a de Rassi se impõe por ser o canto de cisne de Nelson Xavier (1941-2017), um dos maiores

atores do país.

Espécie de cerimônia do adeus disfarçada de thriller, centrada na ética dos matadores de aluguel, "Comeback" rendeu a Xavier o troféu Redentor de Melhor Ator no Festival do Rio

de 2016, num empate com Julio Andrade (laureado por "Redemoinho" e "Sob Pressão"). Visto em sucessos de bilheteria como "Chico Xavier" (2010), o ator paulista que foi o Lâmpião da TV Globo trazia no currículo troféus em Gramado e em Brasília (por "A Despedida" e "O Mágico e o Delegado"), além de ter um Urso de Prata, dado a ele e a Ruy Guerra na Berlinale de 1978, por "A Queda".

Rassi soube extrair o melhor dele em sua imersão numa narrativa digna de "Onde Os Fracos Não Têm Vez" (2007), dos irmãos Coen. Não teve medo de diluir os signos cinéfilos da violência – qual os Coen fazem sempre.

Mesmo nos mais ferrenhos debates sobre a necessidade do "filme de gênero" no cinema brasileiro, é raro se ouvir falar na

importância do thriller de ação como um caminho para mobilizar plateias, apesar de toda a importância que o filão teve para a educação audiovisual das gerações criadas nos anos 1980 e 90.

Sob esse (e outros) prisma(s), "Comeback" merece loas: além de ter uma série qualidades em termos narrativos, a produção dirigida por Rassi é um exemplar nacional raro da linhagem da adrenalina. Lembra aquelas fitas com Charles Bronson (1921-2003) do "Domingo Maior" de outrora, tipo "Jogo Sujo" (1973).

Narrativa crepuscular afinada coma percepção da finitude, "Comeback" põe Xavier na pele de um matador de aluguel. Toca Altamar Dutra e dá para se ouvir Manolo Otero, como indícios de um ranço breganejo em um universo no qual matar dá orgulho. A trilha sonora dá um cheiro de nostalgia a esse neowestern. Sempre atento à ideia do sucateamento de valores pretéritos, a direção de Rassi flerta com as cartilhas de filmes de ação mais artesanais, como os cults de Don Siegel ("Os Impiedosos") e (sobretudo) de Michael Winner ("Desejo de Matar"), com direito à criação de um personagem maior do que o filme: Amador, o gatilho relâmpago (hoje enferrujado) vivido por Xavier. Seu carisma serve de bússola a um percurso por verdades que um dia foram banhadas a sangue.

Muita gente diz que ele pintou e bordou quando moço, de arma na mão. Uns dizem que ele é só um poço de bravatas. Há quem enxergue nele um ferrabrás (ainda) a ser temido. O enredo filmado por Rassi acompanha as estratégias de sobrevivência de Amador na conjuntura das maquininhas de caçar níqueis e de seu desejo de assassinar de novo, por respeito. Sua luta espelha o pecado do etarismo, que ainda é cometido pela sociedade brasileira em desrespeito a pessoas que viveram muitas primaveras. Amador é uma delas. Das mais perigosas.

CRÍTICA / BAR / BLUE BLAZER

# Para se encantar

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Chega-se à esquina, sobe-se a escadaria meio caracol e é como entrar no início do século passado. Abre-se a porta e vê-se um ambiente encantador, com iluminação baixa, sofás de couro e uma decoração que mistura o clássico e o moderno de forma harmoniosa. Atemporal, é um lugar para se desacelerar, saborear drinks e petiscos e descansar. Lelo Forti, um mixologista por profissão e artista de alma, cria experiências que unem pessoas e provocam sensações prazerosas.

Sempre surpreendente, Lelo abre as portas da Blue Blazer em Botafogo, após uma trajetória de sucesso na Barra. Pensou em tudo: obras, decoração, gastronomia e uma trilha sonora incrível, inspirando-se nos tradicionais speakeasies. O bar é secreto, mas Lelo é generoso. O espaço abriga uma escola de mixologia com masterclasses, workshops e até um dia dedicado ao charuto.

Fui com o professor Douglas Libório, que já descobriu que a trilha está no Spotify. Comecei com o “Prenda-me Se For Capaz” — Ketel One, infusão de hibisco e gengibre com

caramelo salgado — sabores que se misturam e se destacam. Mas somos fãs dos clássicos, e o Bloody Mary da casa é impecável: Vodka Nuda, suco de tomate caseiro e temperos frescos, com ervas plantadas por Lelo na sua cobertura.

Estamos num bar comandado por um mixologista nato, com seções dedicadas ao Martini, Negroni e criações com tequila e uísque Bourbon, além de cocktails cariocas com o mais autêntico dos gins. Há opções para todos os gostos e paladares, que fazem a vontade de ficar.

Os acompanhamentos gastronômicos também brilham: o tartare com torradas finas e o arancini com o inovador molho de hortelã são memoráveis. O sanduíche de carne assada como o da mãe com aquelas indefectíveis sobras, transformadas pela criatividade de Lelo. O conceito de speakeasy é manter o segredo. Vamos fazer ponto lá com os amigos queridos. Quem ama cuida.



Nubra Fasari/Divulgação

*A boa experiência no Blue Blazer já começa com sua decoração acolhedora*

## SERVIÇO

BLUE BLAZER

Rua Álvaro Ramos, 11 - Botafogo

De quarta a sexta (7h à 0h) e sábado (8h à 1h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Samanta Toledo/Divulgação



### Menu de Páscoa

Páscoa é tempo de renovação, celebração e união. A chef Millena Sá da Éclair Cafeteria e Bistrot, sempre com novidades que são ótimas em todos os quadrantes, criou um menu personalizado com itens exclusivos para o período como ovos de Páscoa, pratos para almoço e ceia, sobremesas, além de destaques da loja. Há ovos clássicos, ovos de colher, pratos de bacalhau, quiches, sobremesas, entradas, saladas para o cliente compor o próprio cardápio. Encomendas nos telefones (21) 97151-5212 e (21) 3556-9808 ou diretamente na loja física no BarraShopping.

### Hamburger de siri

Em época de Páscoa e quaresma, até os especialistas daqueles que não dispensam um boi berrando, se rendem às delícias do mar. O Encarnado Burguer, em Botafogo, lança o sanduíche Subiu aos Céus, feito especialmente para a Semana Santa. A criação é um sanduíche de siri apimentado, com siri catado temperado e empanado, queijo emmental, maionese de cebola com leite de coco e rúcula. Disponível até o dia 20, promete surpreender com seu sabor marcante e autêntico. Rua General Polidoro, 141.

Agência Lascas/Divulgação



Divulgação

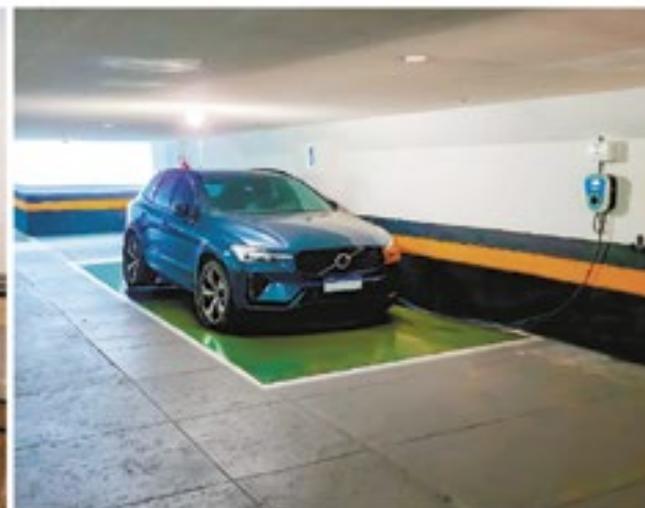


### Prova de vinhos

Feira de vinhos inédita reunirá mais de 15 produtores e até 100 rótulos para degustação no centro de convenções do charmoso Hotel Vila Galé, na Lapa, neste sábado (5). Às vésperas da Semana Santa, o evento é uma ótima desculpa para experimentar e comprar vinhos direto da fonte, com bons preços e excelente qualidade. Haverá produtores do Estado do Rio (!) e até importadoras com garrafas do Velho e do Novo Mundo. Ingressos à venda no Sympla a partir de R\$ 130 por turno (13h30 ou 18h). Informações no @grandtastingoficial.



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ